

DO “DIZER” AO “SER”: GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO *DICENDI* EM TEXTOS APURINÃ (ARUÁK)

Marília Fernanda Pereira de Freitas¹
Gabriela de Andrade Batista²

RESUMO

Em Apurinã, o verbo *txa*³ significa ‘dizer’, mas a esta forma estão associados outros usos, com comportamentos morfossintáticos distintos (FACUNDES, 2000). Dada a impossibilidade de analisar *txa* sincronicamente como polissemia e considerar como homonímia não descarta uma possível relação histórica entre os diferentes usos de *txa*, propõe-se que esta forma verbal está passando por um processo de gramaticalização (HEINE, 2001), em que sua ocorrência como verbo *dicendi* teria dado origem a seus diferentes usos. Utilizou-se um *corpus* de 30 textos em Apurinã, a partir dos quais se buscou analisar as diferentes manifestações de *txa*, sob a perspectiva da gramaticalização.

Palavras-chave: Verbo *dicendi*, Gramaticalização, Apurinã.

Introdução

A língua indígena Apurinã, pertencente à família Aruák, é falada pelo povo de mesmo nome, que se autodenomina *Pupÿkarywakury* e vive, principalmente, ao longo de vários afluentes do rio Purus, sudeste do estado do Amazonas. Os Apurinã, povo tradicionalmente migrante, passaram por vários deslocamentos espaciais, motivados por epidemias e/ou conflitos internos. A população Apurinã, de acordo com o Siasi/Sesai (2014⁴), conta com 9.487 indivíduos, porém, somente um quarto do povo, aproximadamente, fala a sua própria língua, geralmente os mais velhos, sendo o português a língua majoritária.

¹Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Pará e professora da Faculdade de Letras no Instituto de Letras e Comunicação (UFPA). (mfpf31@yahoo.com.br)

²Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, na Universidade Federal do Pará. (gabrieladeandrade1995@gmail.com).

³Chave para a ortografia da língua Apurinã: y = [ɣ]; ts = [ts]; x = [ʃ]; tx = [tʃ]; th = [c], as demais letras seguem o mesmo padrão do português.

⁴POVO APURINÃ. Instituto Socioambiental. 2019. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/apurina/1512>. Acesso em: 14 agosto 2019.

Após as breves informações acima, acerca do povo e da língua falada pelos Apurinã, voltemo-nos para o escopo do presente artigo, que busca analisar o comportamento da forma verbal *txa* ‘dizer’ nessa língua e seu *status* enquanto possível domínio-fonte para outros usos.

Especificamente, o verbo *txa*, em Apurinã, não funciona apenas como verbo *dicendi*, que ocorre em narrativas para introduzir um discurso direto ou indireto no texto; há, ainda, mais três outros usos de *txa*: como pró-verbo, como verbo auxiliar e como cópula. Analisar essas diferentes ocorrências de *txa* com um enfoque estritamente semântico, em termos de homonímia ou polissemia, simplifica exageradamente os fatos relacionados a esse fenômeno, razão pela qual defendemos a hipótese de que *txa* estaria passando por um processo de gramaticalização. Tal processo seria pautado no uso de um domínio mais concreto, mais lexical (no caso ‘dizer’), que possivelmente teria dado origem a outros usos mais gramaticais, mais abstratos (pró-verbo, auxiliar e cópula). Tal hipótese parte dos usos atestados em textos variados (narrativos, instrucionais, diálogos, por exemplo) e, além disso, busca sustentação em dados tipológicos, uma vez que há evidências, em diferentes línguas, relativas à gramaticalização do verbo “dizer” (cf.: COHEN, SIMEONE-SENELLE & VANHOVE, 2002; CHAPPELL, 2008; HEINE & KUTEVA, 2004).

Para verificar as diferentes ocorrências de *txa*, não apenas em se tratando dos diferentes significados associados a esta forma verbal, mas também analisando sua estrutura funcional e argumental (HASPELMATH e SIMS, 2010), foi selecionado um *corpus* de trinta textos variados (textos instrucionais, narrativos, diálogos), doze deles presentes no material de conversação da língua Apurinã (VIEIRA *et al.*, 2019), três disponibilizados pelo professor e pesquisador Sidney Facundes⁵, retirados do banco de dados digital da língua Apurinã, no programa FLEx (Fieldwork Language Explorer), e quinze coletados por Freitas (2017), ao longo de quatro viagens ao campo, em diferentes comunidades Apurinã, entre os anos de 2014 e 2016.

1. Verbos na língua Apurinã: aspectos morfossintáticos

Facundes (2000), em sua gramática da língua Apurinã, afirma que os verbos compõem a classe de palavras mais complexa da língua, em se tratando de sua estrutura morfológica. Bases verbais podem admitir tanto prefixos quanto sufixos, mas sua morfologia é predominantemente sufixal.

⁵Autor da gramática da língua Apurinã e coordenador do grupo de pesquisa de que fazem parte as autoras do presente artigo.

De acordo com o autor, há um conjunto de formas pronominais presas que se ligam aos verbos, assim como também existe um conjunto de formas pronominais livres na língua, que podem ocorrer como sujeitos ou objetos gramaticais. O conjunto das formas pronominais presas dividem-se em: *marcas pronominais de sujeito*, que ocorrem antepostas a bases verbais (também podendo ocorrer antepostas a bases nominais para indicar o possuidor), funcionando como ou sendo correferenciais ao sujeito. Já as *marcas pronominais de objeto* – pospostas a bases verbais, funcionam como ou são correferenciais a um objeto de verbo transitivo ou como argumento único de uma subclasse de verbos intransitivos.

Em outros termos, construções nominais funcionando como sujeito gramatical podem coexistir com uma marca pronominal correferencial proclítica anexada ao verbo, enquanto que construções nominais funcionando como objeto gramatical podem coocorrer com uma marca pronominal enclítica acoplada ao verbo. A coocorrência da expressão livre do sujeito ou do objeto com sua marca pronominal correferencial correspondente, no entanto, ocorre somente quando a expressão livre desse sujeito/objeto é pós-verbal (FACUNDES, 2000).

Os exemplos⁶ abaixo, retirados de Facundes (2000, p. 273, *tradução de FREITAS, 2017*), ilustram o que ocorre nesses casos, em que os termos em destaque são correferenciais:

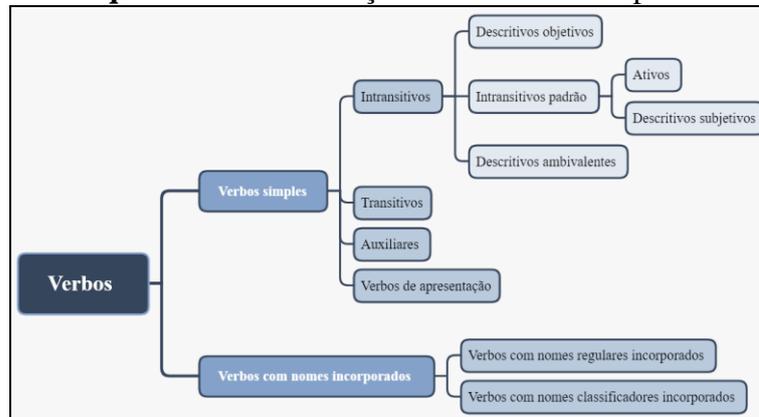
- (1) a. Atha **nhika-ry** **ximaky**
 1PL comer-3SG.M.O peixe
 ‘Nós comemos peixe’
- b. Iuwata **n-atamata** **nuta**
 faca 1SG-ver 1SG
 ‘Eu vejo a faca’

Em (1a) o sufixo *-ry* (marca pronominal correferencial de objeto) coocorre com o objeto gramatical *ximaky* ‘peixe’ posposto ao verbo; em (1b) assinalamos a coocorrência de *n-* (marca pronominal correferencial de sujeito) com *nuta* (pronome livre), este último também posposto ao verbo.

Facundes (2000) nos fornece uma classificação dos verbos na língua Apurinã, a qual foi posteriormente reformulada por Chagas (2007). O esquema abaixo sumariza a classificação atual dos verbos em Apurinã:

⁶Nos exemplos desse artigo serão utilizadas as siglas: 1 = 1ª pessoa; 2 = 2ª pessoa; 3 = 3ª pessoa; ASSOC = associativo; ATRIB = atributivo; ATRIB.INTENS = atributivo intensificador; AUX = auxiliar; COP = cópula; FRUSTR. = frustrativo; DAT = dativo; DISTAL = distal; DISTR = distributivo; ENF = enfático; F = feminino; FOC = foco; GER = gerúndio; INTERJ. = interjeição; INTERR = palavra interrogativa; IPFV = imperfeito; M = masculino; N.POSSD = não possuído; N.PROP = nome próprio; O = objeto; PL = plural; PFTV = perfectivo; PRED = predicado; REFL = reflexivo; REL = relativizador; S = sujeito; SG = singular; VBLZ = verbalizador.

Esquema 1: Classificação dos verbos em Apurinã



Fonte: Facundes (2000, p. 274, tradução de FREITAS, 2017, adaptações nossas, com base em CHAGAS, 2007).

De modo bem geral, os verbos intransitivos descritivos objetivos são aqueles cujo argumento único vem expresso por (ou é correferencial a) uma forma pronominal presa posposta ao verbo, isto é, vem sob a forma de uma marca pronominal presa enclítica que, em verbos transitivos, pode codificar (ou ser correferencial a) o objeto; semanticamente, tais verbos expressam estados mais duradouros.

Os verbos intransitivos padrão (ativos e descritivos subjetivos) têm seu argumento único codificado por (ou correferencial a) uma forma pronominal presa proclítica; semanticamente, expressam estados mais passageiros. A natureza semântica dos descritivos objetivos e subjetivos (estados mais ou menos duradouros) condiciona uma cisão no sistema de marcação de caso da língua (*split-S*)⁷, em que os descritivos objetivos, que recebem marcas pronominais enclíticas para codificar (ou ser correferencial a) seu argumento único, operam em um sistema ergativo/absolutivo (semanticamente se referindo a estados mais permanentes, menos transitórios, nesse aspecto, se distinguindo dos descritivos subjetivos, que expressam estados mais transitórios); enquanto que os demais verbos, que recebem marcas pronominais correferenciais proclíticas, na codificação de seu argumento mais proeminente, operam em um sistema nominativo/acusativo. Os verbos ambivalentes (CHAGAS, 2007) podem carregar tanto marcas pronominais de sujeito quanto de objeto, não simultaneamente. Observem-se os exemplos a seguir (FREITAS, 2017, pp. 67-70):

⁷Para mais informações acerca do *split-S* em Apurinã, consultar Facundes (2000).

(2)

- | | | | |
|--|----------------------|-----------------------|--|
| a. U-atamata-ry
3SG.F-ver-3SG.M.O
'A mulher, ela o viu' | ywa
3SG.M | sytu
mulher | d. Hareka-nu
ser.bom-1SG.O
'Eu sou bom' |
| b. Y-myteka
3SG.M-correr
'O homem corre' | kyky
homem | | e. Ny-pĩkare-ta
1SG-estar/ser.medroso-VBLZ
'Eu estou com medo' |
| c. Ny-sãpaka
1SG-estar.cansado
'Eu estou cansado' | nuta
1SG | | f. Pa-pĩkare-nu
ATRIB.INTENS-estar/ser.medroso-1SG.O
'Eu sou medroso' |

Em (2a) temos o verbo transitivo *atamata* 'ver', cujo sujeito gramatical *sytu* 'mulher' é correferencial à marca pronominal proclítica *u-* (3ª pessoa do singular feminino), enquanto que seu objeto gramatical, *ywa* 'ele', é correferencial à marca pronominal enclítica *-ry* (3ª pessoa do singular masculino). Em (2b) temos o verbo intransitivo ativo *myteka* 'correr', cujo sujeito gramatical *kyky* 'homem' é correferencial ao proclítico *y-* (3ª pessoa do singular masculino). Em (2c) temos o verbo intransitivo descritivo subjetivo *sãpaka* 'estar cansado', cujo sujeito gramatical *nuta* 'eu' é correferencial à *ny-*, marca pronominal proclítica de 1ª pessoa do singular. Em (2d) observa-se a ocorrência de um verbo intransitivo descritivo objetivo, *hareka* 'ser bom', cujo argumento único vem sob a forma do enclítico *-nu* (1ª pessoa do singular). Em (2e) e (2f) temos a ocorrência do verbo intransitivo descritivo ambivalente *pĩkare* 'estar com medo ou ser medroso', em que seu argumento único pode ser codificado sob a forma de um proclítico (designando um estado mais passageiro) ou sob a forma de um enclítico (se referindo a um estado mais permanente), não simultaneamente.

Dado o escopo do presente trabalho, não abordaremos aqui os verbos com nomes incorporados (mencionados no Esquema 1). Por isso, nesta seção, apresentamos panoramicamente as principais características somente dos verbos simples em Apurinã, bem como as principais classes verbais dessa língua, sem a pretensão de aprofundar a questão, mas apenas mostrando o essencial para que se compreenda o comportamento de *txa*, verbo escopo do presente artigo. Na próxima seção, apresentaremos brevemente o referencial teórico adotado para a compreensão do processo de gramaticalização em verbos.

2. Gramaticalização em verbos

A gramaticalização, segundo Heine e Reh (1984 *apud* TRAUGOTT & HEINE, 1991, p. 2, tradução nossa), corresponde à “[...] uma evolução por meio da qual unidades

linguísticas perdem em complexidade semântica, significação pragmática, liberdade sintática e substância fonética [...]”. Traugott & Heine (1991, p.1, *tradução nossa*) assim definem tal fenômeno:

A gramaticalização é o processo linguístico, ao mesmo tempo diacrônico e sincrônico, de organização de categorias e de codificação [*gramatical de significados e funções linguísticas*]. O estudo da gramaticalização, portanto, se volta para a tensão entre a flexibilidade relativa de expressões lexicais e a codificação morfossintática mais rígida, apontando para a indeterminação relativa da língua e não para a ideia de categorias básicas discretas.

Hopper e Traugott (1993) elencam um conjunto de características ligadas ao processo de gramaticalização: a) o caráter não-discreto das categorias; b) a fluidez semântica (em que o contexto é relevante para a interpretação); c) a unidirecionalidade e a gradualidade das mudanças; d) a coexistência de etapas (o que provoca o surgimento de estruturas polissêmicas) e; e) a regularização, a idiomatização e a convencionalização contínuas.

Sobre os verbos, o Heine (1997) propôs sete estágios de gramaticalização que, resumidamente, podem ser entendidos da seguinte forma:

1. O verbo apresenta sua significação plena e o complemento verbal designa, tipicamente, um objeto concreto;
2. O verbo começa a se “encaminhar” à categoria dos auxiliares. O complemento passa a designar uma situação dinâmica e é expresso ou por uma forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio, particípio) ou por uma completiva;
3. As restrições de seleção do sujeito tendem a desaparecer, por isso o sintagma nominal sujeito não está mais restrito a referentes humanos, o verbo pode passar a marcar algumas funções esquemáticas, como as noções de Tempo, Aspecto ou Modalidade;
4. O verbo sofre descategorização, ou seja: a) tende a perder suas características sintáticas, b) deixa de ter complementos nominais; c) o verbo associa-se a apenas uma forma nominal não finita;
5. Após muitas perdas de suas categorias verbais, o verbo pode passar a ser percebido como outra categoria, podendo ainda se combinar a características de verbos e como um mero instrumento gramatical, neste estágio podem ocorrer processos como o de cliticização ou erosão;
6. Neste estágio, o verbo perde todas as suas características verbais e passa a ser apenas um instrumento gramatical e o seu complemento é reinterpretado como sendo de um verbo principal. Aqui, o verbo muda de clítico para afixo;
7. Sendo este o estágio final, o verbo passa a ser um marcador gramatical reduzido a afixo e o seu complemento perde todos os traços morfológicos adverbiais ou de nominalização.

Em consonância com Heine (1997), e de modo mais esquemático, Travaglia (2007) também apresenta uma proposta relativa a estágios de gramaticalização em verbos:

- Verbo pleno > (forma perifrástica: verbos semi-auxiliares / auxiliares) > verbos de ligação ou verbo funcional > aglutinação (clítico > afixo)

- Verbo pleno > forma perifrástica (verbos semi-auxiliares / auxiliares) > aglutinação (clítico > afixo)

Dentro dessa perspectiva, à forma verbal *txa*, em Apurinã, parecem se aplicar alguns dos princípios apontados nesta seção (descategorização, por exemplo, quando de sua ocorrência como cópula), uma vez que esta, semanticamente, ocorre como verbo pleno ‘dizer’, em certos contextos morfossintáticos, mas também funciona como pró-verbo, auxiliar ou cópula. Partindo desta hipótese, em seção mais adiante, buscaremos discutir o *status* da forma verbal *txa* na língua. Antes, entretanto, apresentaremos os procedimentos metodológicos adotados na presente pesquisa.

3. Procedimentos metodológicos

O objetivo central deste artigo consiste em identificar o *status* da forma verbal *txa* da língua Apurinã, descrevendo os seus usos para, então, examinar a possibilidade de que esses diferentes usos são resultantes de processos de gramaticalização que operam em verbos da língua. Para tanto, buscamos identificar aspectos ligados à estrutura funcional (sintática) e argumental (semântica) de cada uma das quatro ocorrências de *txa* (verbo pleno ‘dizer’, pró-verbo, auxiliar e cópula), encontradas em 30 textos variados (narrativas, textos instrucionais, diálogos) selecionados como *corpus* do presente estudo nos quais a forma *txa* foi atestada. Assim, a pesquisa baseia-se centralmente na análise dos usos de *txa* de um ponto de vista sincrônico, atentando para as suas diferentes ocorrências e seus distintos comportamentos morfossintáticos e semânticos.

Para a análise da forma verbal *txa*, foram adotados os seguintes procedimentos:

1. Levantamento bibliográfico de temas relativos à mudança linguística e gramaticalização, bem como relativos à língua Apurinã (FACUNDES, 2000; FREITAS, 2017; BATISTA, 2018, entre outros);
2. Seleção de dados relativos às diferentes ocorrências de *txa*, com base em um *corpus* formado por 30 textos em Apurinã;
3. Organização, sistematização e quantificação das ocorrências de *txa*;
4. Análise dos dados, seguindo os passos para identificação de estágios de gramaticalização (cf.: HEINE, 1991, 1997, 2001; HOPPER e TRAUGOTT, 1993, entre outros), partindo da hipótese de que a forma verbal *txa* significando ‘dizer’ teria sido o domínio-fonte que derivou os domínios-alvo relativos às demais ocorrências desta forma verbal: pró-verbo, auxiliar e cópula.

Na próxima seção, apresentaremos a análise realizada, acerca das diferentes ocorrências da forma verbal *txa*.

4. Gramaticalização da forma verbal *txa* em Apurinã

Facundes (2000), em sua gramática da língua Apurinã, atestou quatro diferentes usos para a forma verbal *txa*, análise esta que foi aprimorada por Batista (2018). O quadro abaixo indica resumidamente as diferentes ocorrências de *txa*:

Quadro 1: Usos distintos de *txa* da língua Apurinã

COMPORTAMENTO VERBAL	CONTEXTO DE USO
<i>Verbo pleno (dizer, falar)</i>	Neste caso, significa “dizer” ou “falar” (verbo <i>dicendi</i>) e introduz um discurso direto ou indireto no texto narrativo.
<i>Pró-verbo</i>	Faz referência ao significado lexical de outro verbo (normalmente encontrado no discurso precedente), usado como elemento de retomada anafórica e seu uso pode ser comparado ao do verbo “do”, na língua inglesa.
<i>Auxiliar</i>	Não acrescenta nenhum significado lexical à proposição expressa na sentença em que ocorre; usualmente, carrega parte dos morfemas presos associados à forma verbal lexical com que ocorre.
<i>Cópula</i>	Expressa o verbo “ser” ou “estar”, em alguns casos, pode carregar a marca reflexiva <i>-wa</i> .

Fonte: Batista (2018), com base em Facundes (2000), *adaptações nossas*.

Nas próximas subseções, apresentaremos a análise feita para cada uma das diferentes ocorrências de *txa*, focalizando-as em termos morfossintáticos e semânticos. Uma vez descartada a análise de *txa* como simples caso de polissemia (como será visto mais adiante) e levando em conta que tratar *txa* sincronicamente como um caso de homonímia não descarta uma possível relação histórica entre os diferentes usos desta forma verbal, examina-se a hipótese de que sua ocorrência como verbo *dicendi* teria dado origem, por meio de processos de gramaticalização, às demais ocorrências.

4.1 *Txa* ‘dizer’: verbo pleno

A forma verbal *txa*, segundo Facundes (2000), pode se comportar como verbo principal em uma sentença, neste caso, introduzindo um discurso direto ou indireto, significando ‘dizer’, conforme exemplo a seguir (FACUNDES, 2000, p.296):

Estas ocorrências têm em comum o fato de que introduzem um discurso direto, no interior de narrativas, sendo este o ambiente que propicia o uso de *txa* como ‘dizer’, já que esta forma indica/marca o discurso indireto e o direto. Sintaticamente, nos exemplos, temos a construção VO, em que *txa* funciona como verbo transitivo, apresentando, além do argumento sujeito, um objeto, que corresponde sintaticamente à fala introduzida por *txa* ‘dizer’. Adicionalmente, no exemplo (6), temos a ocorrência de *txa* ‘dizer’, em *Awāi txakatory ykanawata* ‘Awāi disse para a canoa dele’, com o sufixo *-ry*, um enclítico pronominal de 3ª pessoa do singular masculino correferencial ao adjunto dativo *ykanawata* ‘canoa dele’, posposto ao verbo.

Do ponto de vista de sua estrutura argumental, entendida por Haspelmath e Sims (2010) como aquela relativa aos papéis semânticos assumidos pelos participantes de um evento, *txa* ‘dizer’ requer os papéis de ‘agente’ e ‘o quê foi dito’¹¹, além de poder ocorrer com um argumento semântico ‘a quem foi dito’¹². Nos exemplos (4) e (5), semanticamente, um determinado participante do evento verbal *disse algo para alguém*. Nesse caso, a ação de *dizer* requer, em (4), o argumento *u-* ‘3ª pessoa do singular feminino/ ela’, que desempenha papel de agente, tal como *Kirama* (nome próprio em Apurinã), em (5). Como segundo argumento selecionado por *txa* ‘dizer’, nos exemplos (4) e (5), temos as falas dos participantes agentes (*Ithupytyry macaxeira* ‘Tem muita macaxeira’ e *Nysāpaka nuta* ‘Eu estou cansado’), aqui designadas pelo papel semântico ‘o quê foi dito’. Em (6), além do agente *Awāi* e do argumento ‘o que foi dito’, no caso ‘Para onde vamos?’, há um argumento semântico designando ‘para quem foi dito’, no caso, *ykanawata* ‘a canoa dele’.

Em se tratando de sua estrutura funcional, ligada aos papéis sintáticos requeridos por um dado predicado, *txa* ‘dizer’ seleciona os argumentos sujeito e objeto e, opcionalmente, pode ocorrer com um adjunto dativo, como no exemplo (6). Em (4), temos como sujeito de *txa* o proclítico *u-* ‘3ª pessoa do singular feminino’, e uma sentença completa que funciona como objeto desse verbo: *ithu pytyry macaxeira* ‘Tem muita macaxeira’. Em (5), o verbo *txa* ‘dizer’ ocorre com o sujeito *Kirama*, semanticamente designando o papel de agente, tendo como objeto direto a oração *ny-sāpaka nuta* ‘eu estou cansado’ que, em termos semânticos, designa “o quê foi dito”.

¹¹Optamos por propor este rótulo para designar em termos semânticos o argumento sintático que corresponde ao objeto de um verbo dicendi.

¹²Preferimos especificar esse papel semântico, por considera-lo mais apropriado que “recipiente”.

Em suma, as sentenças em que ocorre *txa* como verbo pleno ‘dizer’ pedem como argumento objeto uma outra sentença, correspondente ao discurso direto ou indireto requerido por esse verbo *dicendi*; o argumento sujeito de tal verbo corresponderá ao participante que realizou a ação de “dizer”; adicionalmente, *txa* ‘dizer’ pode ocorrer com um adjunto dativo (semanticamente se referindo àquele para quem a fala foi direcionada), em que *txa* pode admitir um enclítico pronominal correferencial ao referido adjunto, caso este último esteja posposto ao verbo.

As sentenças que funcionam como complemento objeto do verbo *txa* ‘dizer’, como dito anteriormente, podem vir tanto sob a forma de discurso direto (exemplos 4, 5 e 6) como sob a forma de discurso indireto (exemplo 7, a seguir, retirado de FACUNDES, 2000, *tradução nossa*):

- (7) [*u-kyra* *sytu* *atama-ta-ry* *kema*]^O *pitha* *txa-ry*
 3F-DISTAL mulher ver-VLBZ-3M.O anta 2SG dizer-M.O
 ‘Você disse isso, que aquela mulher viu a anta.’

Em (7), o constituinte entre colchetes corresponde ao complemento objeto requerido por *txa* ‘dizer’, interpretado como um discurso indireto. Facundes (2000) afirma não existir diferença formal entre discursos diretos e indiretos em Apurinã, no que tange o uso do verbo *dicendi txa*. Este autor admite que a diferença existente entre os discursos direto e indireto na respectiva língua se dá por um traço meramente prosódico, que consiste em uma pequena pausa entre o uso do verbo e o seu complemento.

Em comparação com as demais ocorrências de *txa* (como pró-verbo, auxiliar e cópula), esta forma verbal significando ‘dizer’ pode ser interpretada como um domínio-fonte para as formas mais gramaticais de *txa*; afinal, trata-se da conotação que contém mais substância semântica, cuja estrutura argumental e funcional é mais complexa. Além disso, há diversos estudos tipológicos que tratam da gramaticalização de verbos *dicendi* (cf.: COHEN, SIMEONE-SENELLE & VANHOVE, 2002; CHAPPELL, 2008; HEINE & KUTEVA, 2004). Sugere-se, portanto, que uma das consequências geradas pela gramaticalização de *txa* ‘dizer’ consiste na perda de seu argumento objeto, entre outros fatores, à semelhança do que foi proposto por Heine (1997).

Nas próximas seções, por meio das demais ocorrências de *txa*, mostraremos que este verbo pode ocorrer como pró-verbo, como verbo auxiliar e como cópula.

4.2 *Txa*: pró-verbo (à semelhança de ‘do’, em inglês)

Segundo Schachter e Shopen (2007, p.33), “The term pro-form is a cover term for several closed classes of words which, under certain circumstances, are used as substitutes for words belonging to open classes, or for larger constituents”. Em Apurinã, uma das ocorrências da forma verbal *txa* se aproxima dessa definição, uma vez que funciona como ‘pró-verbo’, se referindo a um ou mais verbos anteriormente citados no discurso.

Heine e Kuteva (2004, p.119) citam exemplos em que ocorre a gramaticalização do verbo pleno “fazer” em algumas línguas, o qual passa a um pró-verbo resumitivo [*resumptive pro-verb*], isto é, um verbo que retoma outros, resumindo seu conteúdo, como na língua Lahu (MATISOFF, 1991, p.432 *apud* HEINE & KUTEVA, 2004):

- (8) gî-yà? gî-tâ? te ve
 correr-descender correr-ascender fazer partícula
 ‘continuar correndo para cima e para baixo’

Nesse exemplo da língua Lahu, o verbo *te* ‘fazer’ parece sintetizar, retomar as ideias de “correr para baixo” e “correr para cima”, agregando à sentença a noção de continuidade dos dois verbos anteriormente mencionados.

Algo semelhante parece ocorrer com a forma verbal *txa* ‘pró-verbo’, em contextos tais como os apresentados nos exemplos a seguir (FREITAS, 2017, p.386):

- (9) Ki¹³-nha¹⁴-kary-pa paĩka-txi awa hĩtha-munhi
 INTERR-ser-REL.S.M-INTERR trabalho.de-N.POSSD haver 2PL-DAT
 ‘Que tipo de trabalho vocês fazem?’ Lit.: ‘Que tipo de trabalho tem pra vocês?’

Kutxi atha kyky-ãkinhi a-kama-ry tukury,
 porque 1PL homem-grupo 1PL-fazer-3SG.M.O roçado
 ‘Porque nós, os homens, fazemos o roçado, [...]’

Kumry amapuruka katarukyry a-kama, ã-ukatsãta, ã¹⁵-aiata,
 mandioca arrancar farinha 1PL-fazer 1PL-pescar 1PL-caçar
 ‘[...] arrancamos a mandioca, fazemos a farinha, pescamos, caçamos, [...]’

a-**txa** atha wai.
 1PL-pró-verbo 1PL aqui
 ‘[...] tudo isso nós fazemos aqui.’

Em (9), *txa* retoma e, ao mesmo tempo, resume os eventos “fazer roçado”, “arrancar mandioca”, “fazer farinha”, “pescar”, “caçar”. No *corpus* analisado foram atestadas apenas

¹³A forma *ki...pa* corresponde a uma palavra interrogativa descontínua em Apurinã, pois pode incorporar em seu interior outras palavras, gerando diferentes formas interrogativas.

¹⁴Esta é uma outra forma verbal que funciona como cópula em Apurinã, *inha ~ nha*.

¹⁵A forma pronominal proclítica de primeira pessoa do plural sofre alomorfa fonologicamente condicionada, em que /a-/ passa a /ã-/ quando diante de vogal.

Facundes (2000) afirma que *txa* funcionando como auxiliar é o uso mais recorrente de tal forma verbal na língua. No *corpus* da pesquisa, de fato, *txa* auxiliar foi o mais frequentemente encontrado, com um total de 79 ocorrências.

Para Facundes (2000), o verbo auxiliar *txa* é usado em predicados verbais, seguindo o verbo principal e servindo como um tipo de “hospedeiro” base para algum conteúdo gramatical do verbo principal, como se percebe no exemplo abaixo (FREITAS, 2017, p.369):

- (12) Ka-tapara-xine-ry inhinhiã aiata-pe **i-txa**
 ATRIB-coragem-?-3SG.M.O então caçar-PFTV 3SG.M-AUX
 ‘Ele tinha muita coragem, então, ele caçava.’

Facundes (2000) afirma que a forma verbal *txa* se comporta como um auxiliar sem adicionar nenhum significado lexical à sentença, carregando parte dos formativos presos do verbo principal. O autor também frisa que raramente esta construção é encontrada em dados elicitados da língua Apurinã, sendo, porém, extremamente comum em textos.

Ainda não existe uma explicação gramatical ou semântica relativa ao fator que determina quando *txa* auxiliar deve ser usado ou não. Nos dados deste trabalho não foram encontradas ocorrências de *txa* auxiliar em início de sentença; encontramos tal uso de *txa* no meio de sentença, interligando uma oração à outra, como podemos ver nos exemplos abaixo (FREITAS, 2017, p.355):

- (13) Inhinhiã ywa apiku-munhi y-sa
 então 3SG.M adiante-DAT 3SG.M-ir

 ø-iãkyny-kata apuka-ry ø-uky.
 3SG.M-rastro.de-ASSOC achar-3SG.M.O 3SG.M-olho.de
 ‘Ele continuou seguindo o rastro de sangue e encontrou um olho.’

- txa**-ma-ry aa¹⁶-panhi-ka kaiã-puku-ry ø¹⁷-arêka awa
 AUX-FRUSTR-3SG.M.O haver-IPFTV-PRED muito-DISTR-M 3SG.M-sangue.de haver
 ‘Mas ainda tinha muito sangue no chão.’

Vejam-se mais alguns exemplos de *txa* auxiliar (FREITAS, 2017, pp.369 e 396):

- (14) Ywaã apuka mapika i-txa-ry-na kumyry.
 lá chegar descascar 3PL.M-AUX-3SG.M.O-3PL.M mandioca
 ‘Chegaram e descascaram a mandioca.’

- (15) Ypixinhiãpu y-taka-napa-ry malhadera apiku sa **i-txa**.
 meio.dia 3SG.M-colocar-passar-3SG.M.O malhadeira adiante ir 3SG.M-AUX

¹⁶Forma reduzida de *awa* ‘haver’.

¹⁷O proclítico pronominal de 3ª pessoa do singular masculino sofre alomorfa fonologicamente condicionada, em que [y-] passa a [Ø-] quando diante de vogal.

‘No meio dia, ele colocou a malhadeira e foi mais adiante.’

Castilho (1997) diz que os verbos auxiliares acompanham verbos nucleares na forma nominal, aos quais atribuem as categorias de pessoa e número, especializando-se como auxiliares de tempo, modo e aspecto. Nos exemplos acima, *txa* auxiliar se comporta como um elemento que carrega afixos do verbo principal, os quais não constam nesse verbo principal (diferindo de sua ocorrência como pró-verbo, em que se repete, reitera o sujeito dos verbos retomados), mas que se referem a argumentos deste.

Sobre a gramaticalização dessa forma verbal, admitindo-se como domínio-fonte sua ocorrência como verbo *dicendi*, aparentemente *txa* auxiliar parece ter passado por uma descategorização que, segundo Hopper (1991), implica na perda de autonomia discursiva, por parte da forma em processo de gramaticalização. Os verbos auxiliares são exemplos de descategorização: quando perdem a categoria de verbos plenos, passam a assumir funções mais fixas, já que se ligam ao verbo principal na construção.

4.4. *Txa* cópula

O verbo *txa* da língua Apurinã também pode se comportar como cópula ou verbo de ligação; nesse contexto, tal verbo pode ser traduzido como ‘ser’ ou ‘estar’, já que expressa um estado e não uma ação, além de ligar o sujeito ao seu predicativo em uma oração.

Na língua Apurinã, como dito anteriormente, existem verbos intransitivos descritivos (subjativos e objetivos). Em alguns casos, tais verbos expressam uma característica ou o estado físico e/ou psicológico de alguém, como, por exemplo, *katsupy* ‘ser.branco’ ou *sāpaka* ‘estar cansado’. Nestes casos, o “ser” ou “estar” não podem ser vistos como elementos em separado do verbo de descrição, logo, não podemos confundir o uso desses verbos com o uso de *txa* cópula.

Nos dados desta pesquisa, foram encontradas 31 ocorrências de *txa* cópula. Abaixo, seguem exemplos encontrados no *corpus* (FREITAS, 2017, pp.374, 383 e 384):

(16) **Upirika:** Natuku-pa pi-**txa**?
 como-INTERR 2SG-COP
 ‘Como você está?’

Kípuku: Ny-tsyy-kywy **txa**-nu.
 1SG-dor.de-cabeça.de COP-1SG.O
 ‘Eu estou com dor de cabeça.’ Lit.: ‘Minha dor de cabeça está em mim’

(17) **Txiakatxi:** Aa! P-yry nh-iimatykyry i-**txa**-wa.

INTERJ. 2SG-pai.de¹⁸ 1SG-tio.de 3SG.M-COP-REFL
 ‘Ah! O seu pai é meu tio.’

(18) **Txiakatxi:** Py-nyru ny-nyru nyrymane u-**txa**-wa.
 2SG-mãe.de 1SG-mãe.de parente.de 3SG.F-COP-REFL
 ‘A sua mãe é parente da minha mãe.’

(19) Ykaratuku i-**txa** kyynyry pirana.
 assim 3SG.M-COP xingané história
 ‘É assim a história da festa.’

(20) Natuku-pa i-**txa** kitxakapirika?
 como-INTERR 3SG.M- COP antigamente
 ‘Como era antigamente?’

(21) Ykaratuku i-**txa** Puiaka y-muianary
 assim 3SG.M-COP N.PROP 3SG.M-companheiro.de
 ‘É assim o Puiaka e o companheiro dele.’

Em parte dos dados encontrados no *corpus*, a forma verbal *txa* cópula vem acompanhada da marca reflexiva *-wa*. Nesses casos, o argumento sujeito tem o traço [+humano]. Em nenhuma das 31 ocorrências de *txa* cópula foi atestada a presença de *-wa* quando o argumento sujeito era [-humano] (exemplos 19 e 20). Por outro lado, há vários casos da ocorrência de *txa* cópula com sujeito [+humano] e sem o sufixo *-wa* (exemplos 16 e 21). Outra questão a ser levantada é o fato de que, quando da ocorrência de *txa* cópula com o reflexivo *-wa*, uma regra na língua é “quebrada”, segundo a qual proclíticos e enclíticos ocorrem como elementos correferenciais apenas quando a expressão livre do sujeito ou objeto é pós-verbal. Em (17) e (18), os sujeitos *pyry* ‘seu pai’ e *nynyru* ‘minha mãe’, respectivamente, vêm ambos antepostos ao verbo, mas, ainda assim, as marcas correferencias de sujeito, *i-* ‘ele’ e *u-* ‘ela’, respectivamente, vêm atreladas ao verbo *txa* ‘cópula’.

Em geral, o reflexivo surge em orações em que, segundo Facundes (2000), o sujeito e o objeto referem-se ao mesmo participante da oração, mas tal definição parece não se aplicar aos casos de ocorrência desse sufixo com *txa* cópula. Em Apurinã, a reflexivização ocorre quando o sufixo *-wa* é atrelado ao verbo, substituindo o objeto deste verbo, ocupando a mesma posição que uma marca pronominal de objeto. Sob a mesma forma (*-wa*), tem-se, em Apurinã, apenas o enclítico pronominal de 1ª pessoa do plural, com a função de objeto de verbos transitivos ou codificando o argumento único de verbos intransitivos descritivos

¹⁸Em Apurinã, nomes inalienáveis têm como parte de sua entrada lexical a posse, conforme análise de Facundes (2000) e Freitas (2017), por isso, tais nomes são glosados conforme esse exemplo, ‘pai.de’, ‘filho.de’, etc. Para maiores explicações sobre a opção de glosar tais nomes desta maneira, consultar os autores aqui mencionados.

objetivos. Nos exemplos aqui apresentados da ocorrência de *txa* com *-wa*, fica claro que tal sufixo não corresponde ao enclítico de 1ª pessoa do plural, por isso assumimos tratar-se da marca de reflexivo. De todo modo, é possível que a marca de reflexivo esteja exercendo outra função, quando de sua ocorrência com *txa* cópula (possivelmente relacionada à “voz” em Apurinã, mas essa é uma hipótese ainda a ser investigada).

Assim, em relação aos aspectos sintático-semânticos de *txa* cópula, trata-se de um verbo esvaziado de significado lexical, que liga um sujeito a seu predicativo, semanticamente não ocupando papel central na sentença. Esse verbo de ligação possui a função de carregar informações gramaticais, estabelecendo a relação entre o sintagma nominal sujeito e o predicativo, que, neste caso, codifica estados, características atribuídas ao sujeito.

5. Discussão da análise

A existência de uma mesma forma à qual estão associados diferentes significados remete às noções de polissemia e homonímia. A polissemia pressupõe que haja uma relação semântica entre os itens polissêmicos. No caso de *txa*, que ocorre como “dizer”, “pró-verbo”, “auxiliar” e “cópula”, como seria possível a comparação entre *txa* “dizer” e o “pró-verbo”, o “auxiliar” e a “cópula”, sendo que, nestes três últimos casos, temos elementos esvaziados de significação lexical? Nesse sentido, seria problemático adotar a análise de que as diferentes ocorrências de *txa* corresponderiam a um caso de polissemia. Por outro lado, tratar o caso de *txa* sincronicamente como homonímia seria uma análise possível, mas isso não descartaria a possibilidade de haver uma relação histórica entre as diferentes ocorrências de *txa*, o que demandaria um estudo comparativo. Uma vez que a presente pesquisa se baseia apenas em dados sincrônicos, buscamos evidências internas da língua, por meio da análise da estrutura argumental e funcional dos diferentes usos de *txa*, bem como recorremos a evidências tipológicas para sustentar a hipótese de que *txa* estaria passando por um processo de gramaticalização.

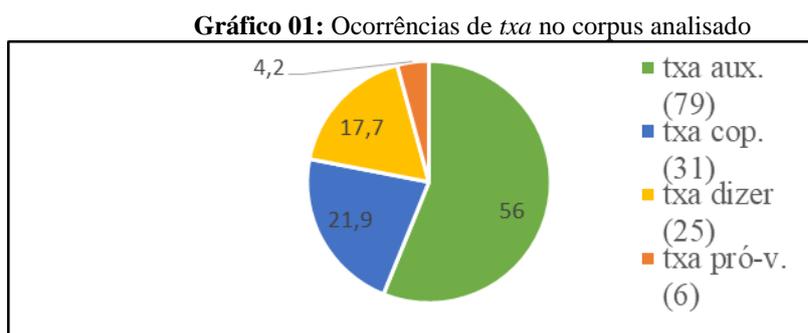
A apresentação das quatro diferentes ocorrências de *txa* nos fornece evidências internas à língua que corroboram a hipótese de que tal forma verbal estaria passando por um processo de gramaticalização (por exemplo, *txa* ‘dizer’ apresenta maior autonomia sintática em relação às demais ocorrências desse verbo, entre outros fatores). Adicionalmente, há evidências externas à língua, de caráter tipológico, favoráveis à hipótese de gramaticalização de *txa* ‘dizer’. Por exemplo Cohen, Simeone-Senelle & Vanhove (2002) afirmam que: “In several language families, Egyptian, Cushitic, Omotic, Semitic, and Nilo-Saharan, spoken in

Eastern Africa [...], full verbs meaning ‘say’ and ‘do’ [...] are frequently found to have uses as auxiliary verbs and as formatives for new verbs” (COHEN, SIMEONE-SENELLE & VANHOVE, 2002, p.227). Os autores acrescentam que:

The languages of East Africa bear witness to a recurrent process of grammaticalization, i.e. the use of quotative verbs meaning ‘say’ and active verbs meaning ‘do’ as auxiliaries in order to create new verbs of which they may ultimately become inflectional markers. This phenomenon has been recurring cyclically over more than 5000 years in Hamito-Semitic languages (COHEN, SIMEONE-SENELLE & VANHOVE, 2002, p.248).

Assim, os autores (*op.cit*) afirmam que o processo de gramaticalização de “dizer” não é um caso isolado, mas ocorre ciclicamente há mais de 5000 anos nas línguas referidas na citação. Adicionalmente, Chappell (2008, p.2), afirma que “The grammaticalization of SAY verbs, or verba dicendi, into complementizers, subordinating conjunctions and other grammatical functions has been documented in detail for many languages [...]”. Ainda, Heine & Kuteva (2004) citam vários casos de gramaticalização do verbo “dizer”. Assim, com base em evidências tipológicas tais como as apontadas aqui, além das evidências internas à língua, parece razoável defender a hipótese de que o que ocorre com *txa* ‘dizer’ em Apurinã corresponde a um caso de gramaticalização.

Para melhor observar a quantificação das ocorrências de *txa*, no *corpus* constituído por 30 textos, no Gráfico 1, abaixo, mostramos a quantidade de vezes em que cada caso de *txa* ocorreu.



Fonte: Elaboração própria, 2020.

As convenções adotadas no Gráfico 1 podem ser detalhadas da seguinte forma: entre o total de 141 ocorrências de *txa*, temos em verde a quantidade de vezes em que *txa* como verbo auxiliar apareceu no *corpus* da pesquisa, um total de 56% de vezes (79 ocorrências). A segunda maior é relativa ao *txa* cópula, representada na cor azul, que contabilizou 21,9% de frequência (31 ocorrências). Na cor amarela, temos *txa* dizer, com 25 ocorrências, totalizando

17,7% de frequência. Em laranjada, temos *txa* pró-verbo, com frequência de 4,2%, com apenas seis ocorrências.

De modo mais geral, a forma verbal *txa* parece se encaixar na noção de “expressões lexicais relativamente sem restrições” (cf.: TRAUGOTT & HEINE, 1991, p.1), no sentido de que sua interpretação envolve não somente aspectos gramaticais, mas também discursivos, como já visto em Hopper & Traugott (1993). Por exemplo, identificamos nos dados que um dos fatores que condiciona o uso de *txa* como “dizer” é o tipo textual, uma vez que tal ocorrência foi verificada apenas em textos narrativos, pois é um ambiente que favorece o uso de discurso direto e/ou indireto.

Por meio da leitura do Gráfico 1, as frequências de uso do *txa* como verbo pleno, verbo auxiliar e cópula são muito maiores do que a do pró-verbo, por isso, poderia ser vista como menos produtiva na língua ocorrência de *txa* pró-verbo. De toda forma, a conclusão a que chegamos é a de que não há uma correlação entre a maior ou menor frequência de uma das quatro ocorrências de *txa* com o possível domínio-fonte para essas diferentes ocorrências.

Uma vez que a gramaticalização é um processo de mudança que opera nas línguas, fazendo com que uma dada estrutura linguística se torne gradativamente mais gramatical, em que uma forma pautada em um domínio mais concreto/ lexical da existência daria origem a outros domínios mais abstratos/ gramaticais, pode-se levantar a hipótese de que o uso mais concreto de *txa*, no caso, o que funciona como “dizer”, teria dado origem às outras formas, isto é, “pró-verbo”, “auxiliar” e “cópula”. Nesse caso, o domínio-fonte (isto é, o domínio semântico a partir do qual um outro domínio teria se originado) apresenta um significado mais concreto, mais palpável, “dizer”; enquanto que os domínios-alvo (aqueles originados a partir de um domínio-fonte) tendem a ter um significado menos concreto, menos palpável, no caso de *txa*, funcionando como “pró-verbo”, “auxiliar” e “cópula”.

Sincronicamente, os dados revelam que a forma mais concreta de *txa*, dizer, apresenta mais autonomia sintática e admite os argumentos sujeito e objeto (e opcionalmente um adjunto dativo). Do ponto de vista tipológico, há evidências, em diversas línguas não relacionadas geneticamente, de que “dizer” funciona como domínio fonte para formas mais gramaticais (cf.: COHEN, SIMEONE-SENELLE & VANHOVE, 2002; CHAPPELL, 2008; HEINE & KUTEVA, 2004). A partir de tais argumentos, parece razoável admitir que *txa* dizer corresponderia ao domínio fonte de suas ocorrências como pró-verbo, auxiliar e cópula.

Propõe-se, assim, o seguinte percurso de gramaticalização para a forma verbal *txa*:

- *txa* ‘**dizer**’ > desbotamento semântico moderado > perda de autonomia sintática > retoma o significado e reitera o argumento sujeito de verbos ativos, com traço [+humano] > *txa* ‘**pró-verbo**’ > desbotamento semântico intenso > ocorrência perifrástica com perda de autonomia sintática (apenas carrega morfologia do verbo principal) > *txa* ‘**auxiliar**’ > desbotamento semântico total > sujeito já não se restringe ao traço [+humano], carrega informações estritamente gramaticais > *txa* ‘**cópula**’.

A partir do esquema acima, propõe-se que *txa* **dizer**, inicialmente, teria sofrido certo desbotamento semântico (mas ainda mantendo alguns traços semânticos de seu domínio fonte) e ocorrido em contextos que teriam condicionado uma certa perda de autonomia sintática, em que *txa* serviria à retomada de outros verbos (ativos e [+humanos]), reiterando seus argumentos sujeitos/agentes, originando sua ocorrência como **pró-verbo**. Talvez o fato de essa ter sido a ocorrência menos frequente de *txa* no *corpus* da pesquisa possa sugerir que tal uso seja o mais antigo, entre os domínios alvo de *txa* e, portanto, já estaria caindo em desuso. Em seguida, *txa* teria sofrido um maior desbotamento semântico (em que teria perdido até mesmo seu caráter ativo, o qual teria permanecido em sua ocorrência como pró-verbo) e passado a ocorrer em construções perifrásticas, acompanhando verbos principais, tendo perdido mais ainda sua autonomia sintática, funcionando como “portador” de morfologia desses verbos principais, o que teria gerado sua ocorrência como verbo **auxiliar**. Como um próximo estágio de gramaticalização, *txa* teria sofrido um desbotamento semântico total, passando a carregar informações estritamente gramaticais e servindo como elemento de ligação entre o sujeito e seu predicativo, em sua ocorrência como **cópula**.

Uma vez que o significado-fonte, isto é, *txa* ‘dizer’, coexiste com os significados-alvo, provavelmente, a forma verbal *txa* parece se encontrar em um estágio intermediário de gramaticalização; em outras palavras, o significado-fonte (ainda) não desapareceu, caso em que seus significados-alvo ficariam em seu lugar.

Considerações finais

A pesquisa desenvolvida neste artigo buscou descrever, em linhas gerais, o possível processo de gramaticalização da forma verbal *txa* da língua Apurinã, em que foram apontadas evidências internas e tipológicas em favor de que o verbo *dicendi* foi o domínio-fonte para os diferentes usos de *txa*, como domínios-alvo, nas funções de ‘pró-verbo’, ‘auxiliar’ e ‘cópula’. Este trabalho agrega aos estudos anteriores da língua Apurinã informações que ainda não tinham sido exploradas, através do estudo sistemático da forma verbal *txa*.

A partir dos resultados obtidos, por meio das descrições e análises aqui elaboradas, propusemos um possível percurso de gramaticalização para a forma verbal *txa* ‘dizer’, que teria passado a pró-verbo, auxiliar e cópula, nesta ordem, em que *txa* estaria em um estágio intermediário de gramaticalização, dada a coexistência de *txa* ‘dizer’ com seus domínios-alvo. Um vez que há apenas dois trabalhos sobre a língua Apurinã que discutem a gramaticalização em verbos (FREITAS, 2017; BATISTA, 2018), além das discussões apresentadas neste artigo, o fenômeno de gramaticalização ainda carece de uma investigação mais aprofundada na língua, em busca de informações relativas à possibilidade de ocorrência de gramaticalização em outros verbos em Apurinã.

Referências

BATISTA, Gabriela de Andrade. *Gramaticalização em Apurinã: o caso da forma verbal txa em comparação preliminar com outras línguas Aruák*. Universidade Federal do Pará (Trabalho de Conclusão de Curso), 2018.

CASTILHO, A. T. *A gramaticalização*. Estudos linguísticos e literários, Salvador, v. 19, p. 25-63, 1997.

CHAGAS, Angela Fabíola Alves. *Aspectos Semânticos, Morfológicos e Morfossintáticos das Palavras Descritivas Apurinã*. Universidade Federal do Pará (Dissertação de Mestrado), 2007.

CHAPPELL, Hilary. *Variation in the grammaticalization of complementizers from verba dicendi in Sinitic languages*. In: Linguistic Typology, junho de 2008. Disponível em: http://crlao.ehess.fr/docannexe/file/1724/say_sinitic_singlefin.pdf. Acesso em 01 outubro 2020.

COHEN, David; SIMEONE-SENELLE, Marie-Claude; VANHOVE, Martine. *The Grammaticalization of ‘Say’ and ‘Do’*: an areal phenomenon in the Horn of Africa. In: Güldemann, T. et von Roncador, M. (eds.). *Reported Speech: A Meeting Ground for Different Linguistic Domains*, John Benjamins, pp.227-251, 2002, Typological Studies in Language 52.

FACUNDES, Sidney da Silva. *The Language Of The Apurinã People Of Brazil (Maipure/Arawak)*. Nova York, Búfalo: Faculty of the Graduate School of State University of New York at Buffalo (Tese de Doutorado), 2000.

FREITAS, Marília F. P. de. *A posse em apurinã: descrição de construções atributivas e predicativas em comparação com outras línguas Aruák*. Universidade Federal do Pará (Tese de Doutorado), 2017.

HASPELMATH, Martin; SIMS, Andrea D. *Understanding Morphology*. 2ª ed. – Londres: Hodder Education, 2010.

HEINE, Bernd. *Possession: Cognitive Sources, Forces, and Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HEINE, Bernd. Ways of explaining possession. In: BARON, Irene; HERSLUND, Michael; SØRENSEN, Finn (eds.). *Dimensions of Possession*. Amsterdã, Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2001, pp. 311-328 (Typological Studies in Language, vol. 47).

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *World of lexicalization and grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HOPPER, P. *On some principles of grammaticalization*. In: Traugott, E.; HEINE, B. (orgs.). *Approaches to Grammaticalization*. Amstertam: John Benjamins, 1991, p.17-36.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1993.

SCHACHTER, Paul; SHOPEN, Timothy. *Parts-of-speech systems*. In: SHOPEN, T. *Language Typology and Syntactic Description: Clause Structure, Volume I*. 2ª ed. – Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A gramaticalização dos verbos passar e deixar*. Revista da ABRALIN, v. 6, p. 9-60, 2007.

VIEIRA, E. D. et al. *Amu Asãkirewata Pupykary Sãkire: Vamos Falar Apurinã* (Caderno de Conversação, livro do aluno). Belém: Universidade Federal do Pará, 2019.

POVO APURINÃ. *Instituto Socioambiental*. 2019. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/apurina/1512>. Acesso em: 14 agosto 2019.

FROM “SAYING” TO “BEING”: GRAMMATICALIZATION OF THE VERB DICENDI IN APURINÃ TEXTS (ARUÁK)

ABSTRACT

In Apurinã language, the introduction of a discourse in narratives occurs by the verbal form *txa*, meaning 'to say'. Other meanings may be associated with *txa*, in different contexts, with distinct morphosyntactic behaviors (FACUNDES, 2000). Extrapolating the limits of polysemy and homonymy, it is assumed that *txa* would undergo a process of grammaticalization (HEINE, 2001), in which its occurrence as 'to say' could have originated the other meanings associated with it. A corpus of 30 texts from Apurinã language was used, from which we analyzed the different manifestations of *txa*, from the perspective of grammaticalization.

Keywords: 'To say', Grammaticalization, Apurinã.

Recebido em 04/08/2020.
Aprovado em 12/09/2020.